

**DESCONTRLO NA POPULAÇÃO DE JAVALIS
PODE RETORNAR PESTE SUÍNA AFRICANA**

MAGAZINE DE VETERINÁRIA DO ÍNDICE®

MAR 2019

VET

DIGEST®

DOWNLOAD GRÁTIS

W.INDICE.PT

**DERMATITE
ATÓPICA
EM ANIMAIS
DE COMPANHIA**

**DONOS INFLUENCIAM
PERSONALIDADE DOS CÃES**

**SUPERBACTÉRIA
RESISTENTE AOS
ANTIBIÓTICOS**

MIGRAÇÕES

QUE AVES NOS VISITAM TODOS OS ANOS?



ISSN: 2182-2220



9 771646 366003



TUPAM
editores SA



Dúvidas sobre medicamentos?

ÍNDICE.EU

Sabe que aves nos visitam todos os anos?



6 AS ÉPICAS MIGRAÇÕES DAS AVES

18



DERMATITE ATÓPICA EM ANIMAIS DE COMPANHIA
NOVAS SOLUÇÕES À VISTA?

14



Saúde Pública

Descontrolo na população de javalis pode trazer peste suína africana para Portugal



15 **Animais de companhia**

Brexit leva donos de animais a procurar aconselhamento sobre viagens

16 **Saúde animal**

Lírios são altamente tóxicos para os gatos

17 **Nutrição animal**

Mercado global de probióticos para animais deverá registar *boom* nos próximos anos



26 **Equinos**

Basta meia hora de exercício ligeiro para reduzir peso de cavalos obesos

27 **Investigação**

Personalidade dos cães muda ao longo da vida e é influenciada pelos donos

28 **Espécies em extinção**

Há 1700 espécies animais em risco de extinção até 2070



29 **Investigação**

Investigadores estudam vegetação mediterrânica preferida por cabras

30 **Investigação**

Detetada superbactéria resistente aos antibióticos em cão no Reino Unido



SIMILARES TERAPÊUTICOS?



ÍNDICE[®] PRO



Android e iOS

Compatível com as últimas versões

Faça Download Gratuito nas App Stores



Google play



Available on the
App Store

MIGRAÇÃO DE AVES

AS ÉPICAS MIGRAÇÕES DAS AVES

*Sabe que aves nos visitam
todos os anos?*





Mudar é algo necessário para todos. Em alguns casos, é até uma questão de vida ou de morte. Anualmente várias espécies de aves cruzam os céus em busca de melhores condições e garantir as novas gerações. Dependendo da espécie, são centenas ou até milhares de quilómetros percorridos para fugir a um clima desfavorável – um fenómeno conhecido pelo nome de migração.

Se não está dentro do assunto saiba que migração é a deslocação regular e periódica de grandes números de indivíduos entre uma área geográfica de origem e uma outra de destino.

O fenómeno nem sempre foi bem entendido, aliás, até ao início do século XIX as teorias para explicar o desaparecimento de populações de aves durante parte do ano eram bastante extravagantes.

Aristóteles acreditava que algumas aves hibernavam ou se transformavam noutras espécies. Na Europa medieval, o aparecimento dos gansos-de-faces-brancas no inverno “explicava-se” pelo seu crescimento nas árvores.

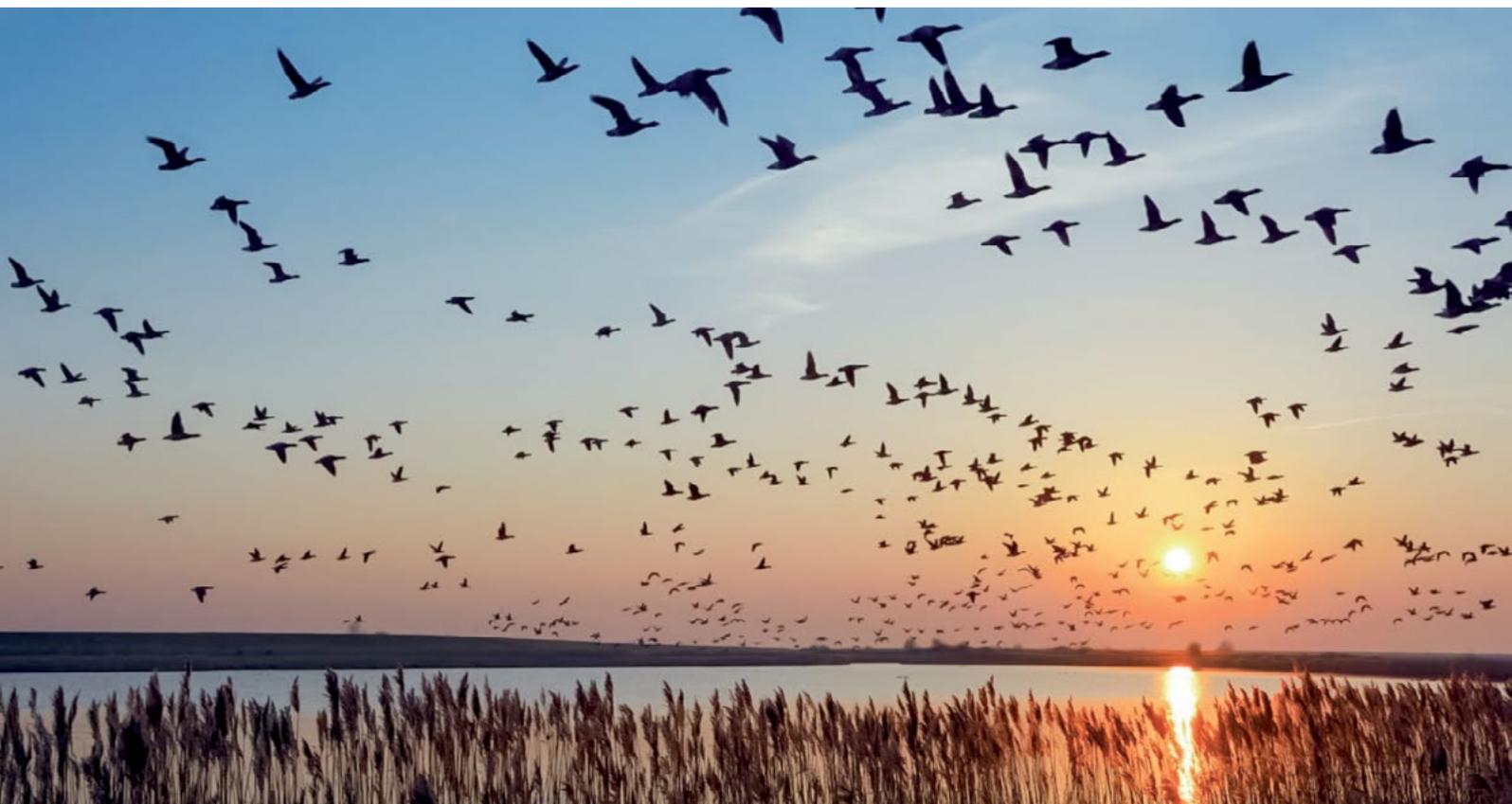
A prova mais concreta de que as aves migravam surgiu em 1822, quando um caçador abateu na Alemanha uma cegonha-branca com um apêndice curioso: uma flecha empalada no pescoço. A flecha era da África Central, o que levou os naturalistas a concluir que a cegonha viajara milhares de quilómetros.

Em 1906, os observadores de aves começaram a pôr anilhas nas patas de cegonhas-brancas, tendo descoberto destinos de inverno, na África Subsaariana.

A migração anual – uma das maravilhas naturais do planeta –, é estimada em 50 biliões de aves, compreendendo cerca de 19 por cento das 10.000 espécies de aves conhecidas até à data. A capacidade para viajarem milhares de quilómetros cruzando barreiras geográficas e ambientais inóspitas é um dos traços mais impressionantes da migração.

Nesta região as aves migradoras chegam entre finais de março e inícios de maio (apesar de haver algumas que possam chegar ainda mais cedo), aqui se reproduzem e, quando o final do verão anuncia a estação fria que se avizinha, rumam a África onde permanecem até ao ano seguinte.

Em busca dos recursos necessários – essencialmente alimento e abrigo – para a sua sobrevivência, as aves procuram chegar tão cedo quanto possível para selecionarem os melhores territórios que permitam uma reprodução bem sucedida. Mas chegar cedo demais também pode ser dramático, principalmente se a meteorologia primaveril for rigorosa.





O andorinhão-pálido passa despercebido à maioria dos observadores.

As aves que nos visitam nesta altura do ano

Entre nós, as andorinhas (andorinhões pretos e pálidos) são das aves mais emblemáticas, mas como elas existem dezenas de espécies migradoras que aproveitam a abundância da primavera portuguesa para prosperar.

Dezenas de espécies migradoras aproveitam a abundância da primavera portuguesa

Aves como a garça-vermelha, a águia-calçada, o cuco-cinzento, o abelharuco, o rouxinol-comum e o rouxinol-do-mato, o rolheiro, o picanço-barreteiro, o chasco-ruivo, ou a ameaçada rola-brava são alguns exemplos que enriquecem parte dos nossos habitats terrestres, e que pode ficar a conhecer melhor.

Andorinhão-preto (*Apus apus*)

Estatuto de conservação em Portugal: Pouco preocupante

Identificação: Totalmente preto, parece uma grande andorinha, com as asas em forma de foice. Os seus bandos, por vezes ruidosos, dificilmente passam despercebidos.

Abundância e calendário: O andorinhão-preto é uma espécie estival que está presente no nosso território de março a outubro. Muitas das aves que aqui ocorrem encontram-se em passagem de e para o norte da Europa, mas no país também existem importantes populações nidificantes. Junto às colónias é geralmente uma espécie muito abundante, sendo facilmente vistos bandos de muitas dezenas de indivíduos. Mas também pode ser vista fora das colónias pois a sua grande mobilidade faz com que o andorinhão-preto possa aparecer em quase toda a parte, quando em migração ou alimentação.

Andorinhão-pálido (*Apus pallidus*)

Estatuto de conservação em Portugal: Pouco preocupante

Identificação: A cor de “café com leite”, o voo tipicamente mais calmo e a vocalização menos arranhada que a do andorinhão-preto são as imagens de marca deste andorinhão que passa despercebido à maioria dos observadores.

Abundância e calendário: O andorinhão-pálido é uma espécie bastante comum em Portugal, apesar de a sua presença nem sempre ser detetada devido à confusão com o andorinhão-preto. Em algumas zonas do litoral, esta é mesmo uma espécie dominante, particularmente na Beira Litoral, na Estremadura e no Algarve. Tal como os restantes membro da sua família, é uma ave estival. Os primeiros indivíduos observam-se a partir de meados de março, estando a espécie geralmente presente até outubro.



Chasco-ruivo (*Oenanthe hispanica*)

Estatuto de conservação em Portugal: Vulnerável

Identificação: O macho adulto caracteriza-se pelos tons alaranjados, contrastando com a máscara e as asas pretas. A cauda tem as penas centrais pretas, sendo as restantes penas predominantemente brancas. Os machos de chasco-ruivo ocorrem em duas formas – a forma clara, na qual a máscara apenas abrange a zona ocular; e a forma escura, em que a máscara também abrange o queixo e a garganta. Em Portugal predominam as aves da forma escura. A fêmea é mais acastanhada.

Abundância e calendário: Apesar de não ser muito numeroso, o chasco-ruivo pode ser localmente comum, sobretudo nas zonas áridas do interior. Frequenta terrenos incultos com algumas pedras e também eucaliptais jovens. É um migrador estival, que pode ser observado em Portugal de março a setembro.

Abelharuco (*Merops apiaster*)

Estatuto de conservação em Portugal: Pouco preocupante

Identificação: A sua profusão de cores, bastante invulgar entre as aves portuguesas, dá um toque de exotismo à avifauna. É uma ave terrestre de tamanho médio cujos aspetos mais característicos são a garganta amarela, o peito e o ventre azulados, o dorso vermelho e a máscara preta. A cauda é comprida, com as duas penas centrais a destacarem-se das restantes.

Abundância e calendário: O abelharuco é estival e chega ao país no início de abril (por vezes em finais de março), estando presente até ao mês de setembro. É comum em quase toda a região a sul do Tejo, e menos comum a norte do rio distribuindo-se sobretudo pela metade interior do território, nas zonas de influência mediterrânica (Beira Baixa, Beira Alta e Trás-os-Montes).

Rouxinol-do-mato (*Cercotrichas galactotes*)

Estatuto de conservação em Portugal: Quase ameaçado

Identificação: A característica mais marcante deste insetívoro é a cauda ruiva com pontas pretas e brancas, que ostenta frequentemente levantada. A tonalidade geral do corpo é pálida, sendo mais escuro no dorso que no peito. Possui um padrão facial bem marcante, com uma lista ocular e um bigode escuros.

Abundância e calendário: Esta ave é uma migradora estival tardia, podendo ser observada entre o princípio de maio e o mês de agosto. É pouco comum e de distribuição restrita ao quadrante sueste do território, ocorrendo sobretudo em vales de zonas secas, junto a rios ou a ribeiras temporárias, com algum mato, e em vinhas de zonas quentes.

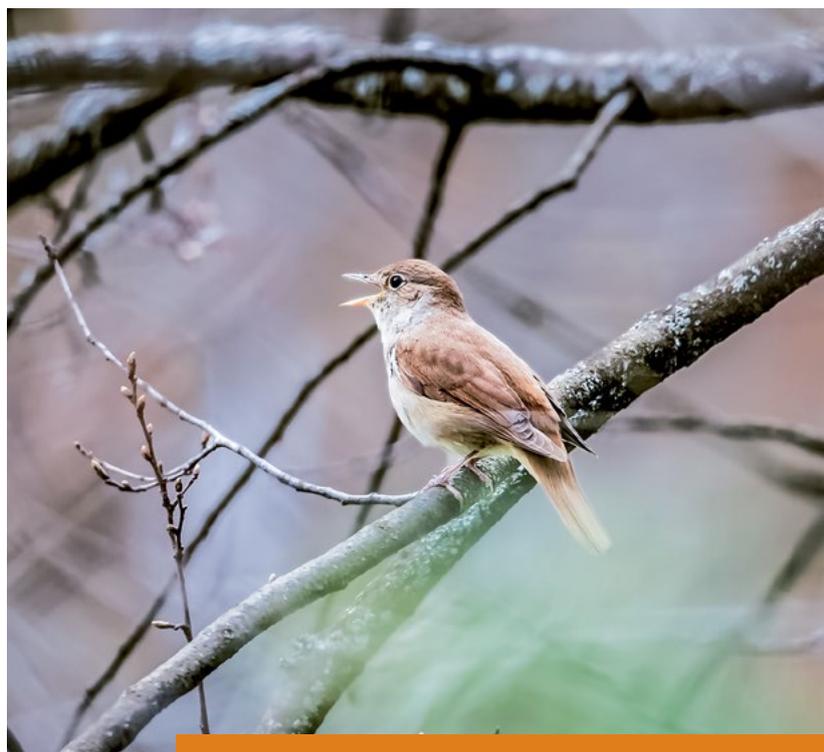


Rouxinol-comum (*Luscinia megarhynchos*)

Estatuto de conservação em Portugal: Pouco preocupante

Identificação: Castanho e algo incharacterístico, o rouxinol-comum não é uma ave muito fácil de identificar visualmente. A longa cauda arruivada, visível principalmente em voo, contrasta com os tons acastanhados do dorso. É sobretudo pelo seu canto interminável, muito variado e com várias sequências de notas, que a ave se faz notar e pode ser identificada.

Abundância e calendário: É uma ave estival que faz ouvir o seu canto a partir de finais de março ou princípios de abril. Em junho já se ouve pouco e em agosto viaja para África. Bastante frequente em Portugal, a espécie esconde-se geralmente no meio de vegetação densa e raramente pousa à vista. A sua abundância apresenta importantes variações a nível regional – no litoral norte e centro é escasso, mas no interior norte e centro é muito abundante, tal como no litoral sul e em certas zonas do Algarve.



O rouxinol-comum faz ouvir o seu canto a partir de finais de março ou princípios de abril.

Estes são apenas alguns exemplos de aves migradoras que nos visitam todos os anos por esta altura do ano, mas também há algumas que aparecem no outono.

A península de Sagres, no extremo sudoeste de Portugal, é uma das zonas mais interessantes no país para a observação de aves. Com mais de 250 espécies registadas ao longo dos anos, é o local mais emblemático a nível nacional para ver a migração outonal de aves planadoras, passeriformes, aves marinhas, entre outras.

As linhas de costa e vales adjacentes encaminham-nas para a península de Sagres, onde se congregam, podendo utilizá-la como ponto de paragem. Daqui podem seguir para Este ao longo da costa sul, presumivelmente até Gibraltar, ou tentar a travessia de cerca de 400 km de mar, até ao continente africano.

Muitas das aves que chegam a Sagres são juvenis ou imaturas. Para alguns Sagres é a “planície das aves perdidas” pois as aves mais jovens, durante a migração, são empurradas pelos ventos do quadrante Leste indo ali parar, meio perdidas, desviadas da sua rota principal.

Seja como for, vários milhares de aves passam pela região e muitas aproveitam para descansar e recarregar energias para o resto da viagem.

Durante a migração de outono há algumas aves que vale a pena ver. As grandes estrelas são as rapinas como por exemplo a águia-cobreira, que até se deixa ver com alguma facilidade, o abutre-do-Egipto, o falcão-abelhheiro (muito difícil de ver no país mas que migra a baixa velocidade) e o abutre-preto. O destaque vai também para as cegonhas-pretas, o chasco-cinzentos e as várias espécies de petinhas e toutinegras.

As migrações de outono

O fenómeno ornitológico mais relevante da península de Sagres é a migração pós-nupcial. Devido à sua localização geográfica, a área regista uma elevada abundância e diversidade de aves migradoras, de agosto a novembro.

Estas aves são principalmente planadoras e passeriformes, mas também de outros grupos, como rapinas noturnas. A maioria delas está em viagem entre os seus territórios de nidificação europeus, a caminho de áreas de invernada na África subsariana.



FICHA TÉCNICA - Propriedade e Edição: Tupam Editores SA • Sede: Rua da República Peruana, nº9 1º Dto, 1500-550 Lisboa • Telef.: 217609308 • Fax: 217609141 • Web: www.tupam.pt • email: info@tupam.pt • Diretor: C. Simões-Lopes • Chefe de Redação: A. Correia • Diretor Médico: Prof. Doutor E. Marques Fontes • Diretor Farmacêutico: Dr. V. Lobo Neves • Execução Gráfica: Tupam Editores SA • Circulação média da última edição: 400 exemplares impressos, 5.800 Digitais PDF • Periodicidade: Mensal • ISSN: 2182-2220 • Imagens e Infografias: Técnica & Magia Lda • Publicidade: 217609308 ou dircomercial@tupam.pt • ©Tupam Editores, Copyright 2019 Todos os direitos reservados
VET DIGEST®, o logótipo “Pegaso” e Índice®, são marcas registadas da Tupam Editores. Todas as outras marcas comerciais e marcas registadas, são propriedade dos respetivos detentores. • Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a permissão da Tupam Editores.
Aviso Legal: Os conteúdos deste Magazine são de carácter informativo e não podem ser considerados exatos, fiáveis ou completos, sendo da inteira responsabilidade do leitor a sua interpretação e avaliação.



Todos os anos há a possibilidade de se avistarem algumas raridades, havendo registos de observações de aves como o ganso-de-faces-pretas, grifo-pedrês, águia-da-Pomerânia, tartaranhão-pálido, alfaneque ou falcão-lanário, gaivota-de-Sabine, Alcatraz-pardo, felosa-listada, e papa-moscas-real.

Para aumentar o grau de consciencialização da população acerca da importância das aves migradoras celebra-se no segundo fim de semana de maio o Dia Mundial das Aves Migratórias – um marco simbólico que coincide com a parte final da migração de primavera, numa altura em que a maioria das aves está em plena época de nidificação.

Lançado em 2006, o dia é celebrado anualmente em 65 países com o objetivo de sensibilizar as populações para a conservação das aves e seus habitats, cada vez mais ameaçados, e realça a importância e necessidade de cooperação entre organizações, decisores, e cidadãos para alcançar o objetivo.

Nesse dia, por todo o mundo, são organizados eventos, festivais, programas educativos e visitas para observação de aves, para celebrar a efeméride. Se tiver oportunidade vá também celebrar a grande maravilha natural da migração de aves. Não se vai arrepender!

Durante a migração de outono há algumas aves que vale a pena ver. As grandes estrelas são as rapinas como, por exemplo, a águia-cobreira, que até se deixa ver com alguma facilidade.

Saber Mais:

https://drive.google.com/drive/folders/1MJWLVRrhU9A8lgbvY2DhPiFm_Tp1hD25

<http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/rn2000/p-set/psrn-aves>

<https://nationalgeographic.sapo.pt/natureza/grandes-reportagens/1765-migracoes-das-aves-epicas>

Descontrolo na população de javalis pode trazer peste suína africana para Portugal



O descontrolo da população de javalis em Portugal pode trazer a peste suína africana para o território português. O alerta foi dado por João Diniz, dirigente da Confederação Nacional de Agricultores (CNA) que explica que o problema atingiu uma proporção tal que apenas o Governo tem meios técnicos e financeiros para intervir.

Segundo Jacinto Amaro, presidente da Fencça – Federação Portuguesa de Caça, está-se perante um super predador que dizima a caça menor e que tem vindo a deslocar-se do centro do país para sul onde se alterou o modelo agrícola que existia há 20 anos.

Esta realidade está a criar um “desequilíbrio ecológico” que tem também a ver com o desaparecimento dos predadores de topo como o lobo ibérico ou o lince. Quando estes existiam, o número de javalis mantinha-se equilibrado.

Atualmente é de extrema importância saber que populações de javalis existem, o seu estado sanitário e como controlar a espécie, uma vez que podem ter consequências na população suína doméstica, nos bovinos e até nas pessoas.

Muitos desses animais estão doentes havendo o risco do descontrolo populacional que pode trazer para o território português a peste suína africana, pois os javalis são um dos grandes disseminadores da doença. Para já, não há perigo de saúde pública.

Foi já apresentado pelo CSD-PP um projeto de resolução que recomenda ao Governo a elaboração de um estudo sobre a distribuição territorial da população de javalis no país. O objetivo final é que sejam delineadas estratégias para a elaboração de um plano ágil de redução e controlo a

longo prazo destes animais em território nacional, de acordo com a legislação ambiental nacional e da União Europeia, incluindo os requisitos de proteção da natureza.

Saber Mais:

<https://www.publico.pt/2019/03/18/sociedade/noticia/praga-javalis-animais-estao-doentes-ha-risco-pestes-suina-africana-1865754>

<http://www2.icnf.pt/portal/caca/sanidade/peste-suina-africana>

<https://zap.aeiou.pt/javalis-doentes-246685>

Brexit leva donos de animais a procurar aconselhamento sobre viagens



Segundo Simon Doherty, presidente da BVA, é perfeitamente compreensível que a incerteza à volta do Brexit e as mudanças esperadas nos requisitos para viajar com os animais estejam a causar alguma ansiedade e até frustração junto dos donos de animais de companhia e a levar a muitas questões.

Os preparativos para viajar com os animais de estimação devem começar, pelo menos, quatro meses antes da data da viagem.

Os pedidos de informação sobre viagens com animais de companhia estão a aumentar no Reino Unido. De acordo com a British Veterinary Association (BVA), a incerteza à volta da saída do Reino Unido da União Europeia (UE) está a deixar os donos preocupados.

Dados da BVA revelaram que oito em cada dez veterinários de animais de companhia (85 por cento) já foram questionados sobre viagens. Cerca de 74 por cento dos médicos veterinários declararam ainda que as questões sobre viagens com animais têm vindo a aumentar desde novembro, com 40 por cento a referir que houve um “aumento significativo”.

Dos médicos veterinários questionados, 48 por cento declarou ter sido capaz de responder à maioria das questões dos donos dos animais, contudo, alguns reportaram ter tido dificuldade em responder a algumas questões relacionadas com o Brexit e as suas consequências.

Para que tudo corra bem aconselham-se os donos a discutir os seus planos de viagem com os seus médicos veterinários de forma a evitar problemas e garantir que os testes necessários aos animais são todos feitos no tempo necessário.

Aliás, já desde o ano passado a BVA e a Defra advertiam os donos para que comessem os preparativos para viajar com os seus animais de estimação para a UE pelo menos quatro meses antes da data da viagem.

Saber mais:

<https://www.bva.co.uk/news-campaigns-and-policy/newsroom/news-releases/pet-owners-flock-to-vets-over-post-brexit-pet-travel-concerns/>

<http://www.diarioveterinario.com/texto-diario/mostrar/1358979/aumentan-visitas-veterinario-ante-llegada-brexit>

<https://www.gov.uk/guidance/pet-travel-to-europe-after-brexit>

Lírios são altamente tóxicos para os gatos

O gato é um animal que, por vezes, tem o impulso de mastigar plantas. O problema é que muitas das que tem à sua disposição são, na sua maioria, ornamentais e exóticas podendo causar diversos efeitos sobre ele.

Os lírios, por exemplo, são plantas que muitos donos têm habitualmente em suas casas desconhecendo o nível de toxicidade para os felinos. São vários os tipos de lírio tóxicos para os gatos, como o lírio tigre, o lírio-de-um-dia e o lírio asiático.

A sua toxicidade é total, ou seja, todas as partes da planta desde as pétalas, às folhas, talo, e até o pólen, são venenosas e podem ter consequências graves na saúde dos nossos amiguinhos em caso de ingestão, podendo inclusive provocar insuficiência renal aguda.

Os sinais clínicos da intoxicação surgem entre seis a 12 horas após a ingestão da planta e incluem vômitos, perda de apetite, debilidade ou letargia, poliúria e polidipsia, taquicardia ou pulso irregular. À medida que se avança para uma insuficiência renal os sintomas pioram e alguns animais manifestam desorientação, convulsões e ataxia.

Por não existir um antídoto específico para este tipo de intoxicação, é imprescindível atuar o quanto antes para evitar que a insuficiência renal avance e para instaurar um tratamento sintomático e de suporte gastrointestinal e renal que inclua protetores gástricos, fluidoterapia, correção de desi-

quilíbrios eletrolíticos, e antibio-terapia se existir neutropenia, entre outros.

O prognóstico é bom se o animal for visto por um médico veterinário logo após a ingestão da planta, evitando-se consequências clínicas mais graves.

Saber Mais:

<https://clubedegatosdosapo.blogs.sapo.pt/sabiam-que-os-lirios-podem-ser-mortais-177529>

<https://gatinhosmania.blogspot.com/2012/10/lirios-sao-venenos-para-gatos.html>

<https://www.portalveterinaria.com/articoli/articulos/30766/los-lirios-son-altamente-toxicos-para-los-gatos.html>



Mercado global de probióticos para animais deverá registrar boom nos próximos anos

O mercado global de probióticos deverá atingir um valor de 73 mil milhões de dólares em 2024, com os probióticos para animais a impulsionar grande parte do crescimento. Atualmente, os probióticos para animais são largamente aceites no mercado e estão a beneficiar com os avanços em biologia molecular e sequenciação genética.

Os probióticos são bactérias benéficas que vivem no intestino e melhoram a saúde geral do organismo, trazendo benefícios para a saúde digestiva, nomeadamente através da melhoria da absorção de nutrientes, e para o sistema imunitário.

Geralmente, os probióticos para cães e gatos são compostos por *Saccharomyces cerevisiae*, *Bifidobacterium bifidum*, *Lactobacillus plantarum*, *Enterococcus faecium* e *Lactobacillus acidophilus*. Quando colocados no alimento, os mais usados são os *Lactobacillus acidophilus* e os *Enterococcus faecium*.

No contexto da produção, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), a utilização de probióticos na saúde animal está em crescimento, sobretudo após se ter demonstrado que estes microorganismos podem ajudar a melhorar o crescimento dos animais, e a reduzir a taxa de mortalidade.

Para além disso, de acordo com a organização, a utilização de probióticos já é vista como alternativa eficaz ao uso de antibióticos.

A FAO refere ainda que os probióticos animais devem ser não-patogénicos, não-tóxicos e capazes de beneficiar a saúde dos animais hospedeiros.

Saber mais:

<https://www.marketresearchengine.com/probiotics-market-report>

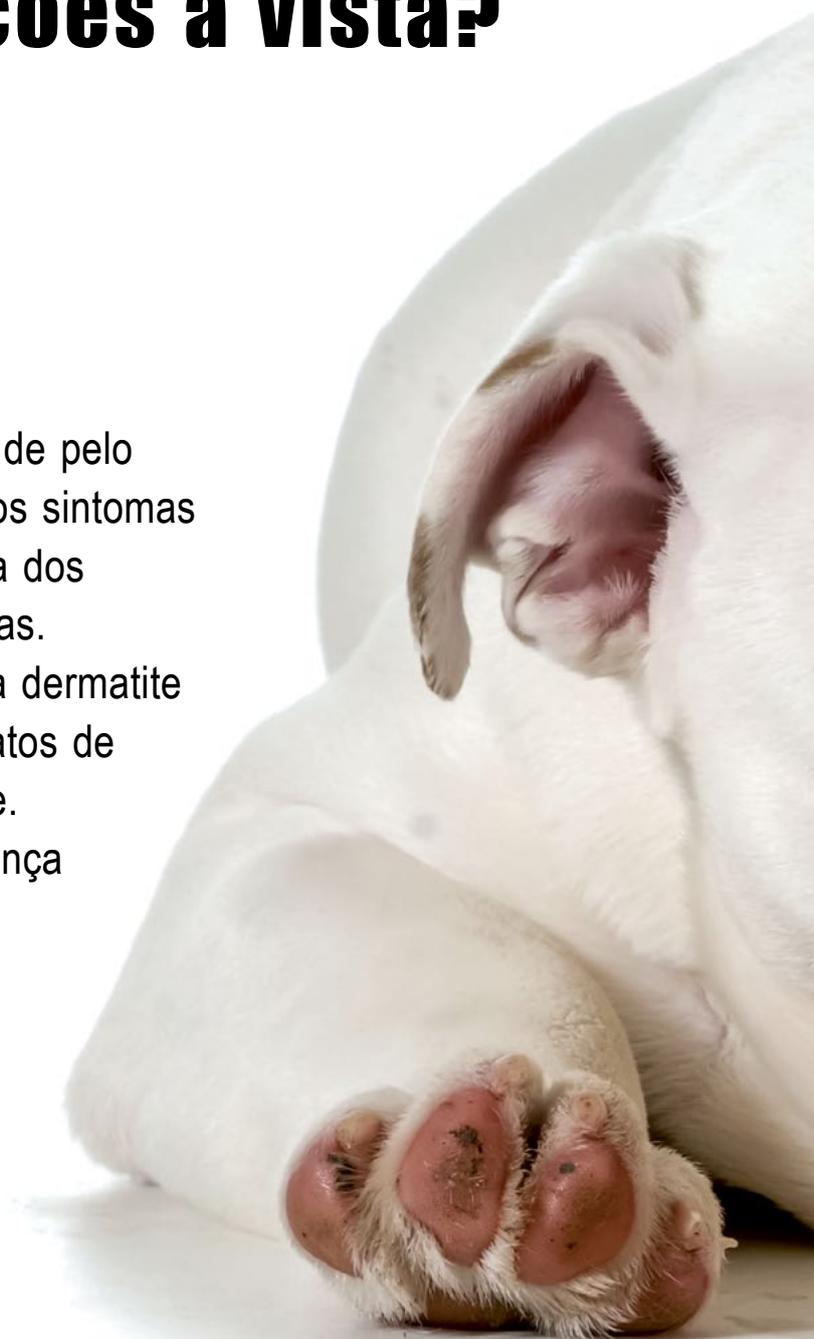
<http://blog.inpulse.vet.br/probioticos-podem-melhorar-a-digestao-dos-pets/>

http://www.nutritime.com.br/arquivos_internos/artigos/ARTIGO_456.pdf

Dermatite Atópica em Animais de Companhia

Novas soluções à vista?

Comichão, vermelhidão, perda de pelo excessiva e irritação são alguns dos sintomas da doença alérgica mais conhecida dos médicos veterinários dermatologistas. Campeã de casos nas consultas, a dermatite atópica pode ocorrer em cães e gatos de todas as raças e de qualquer porte. E o pior é que a incidência da doença tem vindo a aumentar.





O motivo pode muito bem ser a mudança no estilo de vida dos animais. Antigamente, cães e gatos permaneciam a maior parte do tempo em ambiente externo, em contacto com a natureza, expostos à biodiversidade, conviviam e sociabilizavam com múltiplos animais, da mesma espécie e de outras espécies, e estavam em constante atividade.

As mudanças no estilo de vida inerentes à urbanização fizeram com que os animais domésticos passassem a conviver com os humanos em ambientes internos, a dividir os espaços comuns e a permanecer a maior parte do tempo na sala de estar e nos quartos, em moradias com excesso de mobília, tapetes, cortinas, carpete e pouca ventilação.

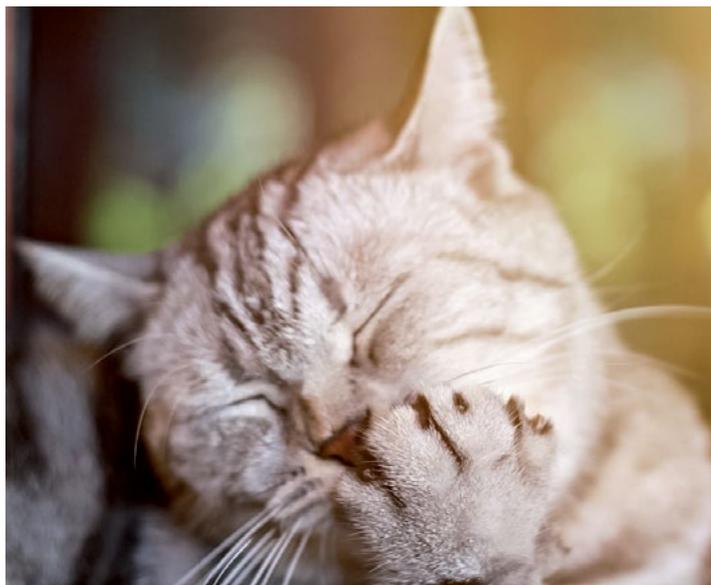
Estes animais passaram a ser “esterilizados”, desenvolveram uma vida sedentária, e foram submetidos a uma ampla e variada

dieta e hábitos alimentares inerentes aos humanos.

Passaram a ser vacinados e vermifugados regularmente, a tomar banhos frequentes, estar expostos a cosméticos, a usar roupas de material sintético e lã, deitam-se sobre as camas e travesseiros dos seus donos e são criados isolados do convívio com outros animais.

A junção destas mudanças do estilo de vida e o aumento da criação de raças específicas levou ao desenvolvimento e aumento progressivo da incidência de doenças alérgicas em animais de companhia em todo o mundo, especialmente dermatite atópica (DA) em cães, e rinite, rinosinusite e asma alérgica nos gatos.

O desenvolvimento destas doenças alérgicas veio acompanhada de problemas psiquiátricos e compulsões associadas, principalmente, a doenças ansiosas, distúrbios de sociabilização e doenças endócrinas, como a obesidade.



As crises das doenças de pele nos animais são muito mais complexas do que se possa pensar, e não devem ser menosprezadas, razão pela qual convém saber mais sobre a atopia.

A dermatite atópica canina e felina

A DA é a segunda forma de alergia mais comum em cães. Trata-se de uma síndrome complexa e multifatorial na qual tem um papel fundamental a genética do indivíduo e a sua relação com os agentes alergénicos implicados.

A doença, que é hereditária, ocorre quando cães hipersensíveis contactam ou inalam alérgenos comuns, como ácaros do pó, pólenes, agentes poluentes e leveduras, originando a reação alérgica cutânea.

Embora existam algumas raças de cães que são geneticamente predispostos a desenvolver a condição – como o Pastor Alemão, Boxer, Labrador Retriever, Golden Retriever, Cairn Terrier, Fox Terrier, Setter Irlandês, Caniches, Schnauzer Miniatura, Dálmata, Cocker Spaniel, Pug, Shar Pei, Lhasa Apso e West Highland Terrier –, qualquer cão pode sofrer de DA.



A sintomatologia costuma aparecer entre os 6 meses e os 3 anos de vida dos animais. As lesões iniciais começam como pequenas pápulas ou áreas de eritema (zonas avermelhadas), sendo o principal sinal o prurido (comichão).

Os cães mordiscam-se, esfregam-se em superfícies, lambem, roem e coçam a sua pele nas áreas afetadas. Estas ações acabam por piorar a inflamação cutânea e causam lesões adicionais, tais como perda de pelo, pele seca e escamosa, hiperpigmentação (pele mais escura) e infeções secundárias.

A DA tem um padrão típico de distribuição das lesões. Estas, e a comichão, ocorrem essencialmente na face, patas, pregas de pele, axilas, virilhas e pontos de flexão e fricção (ex: cotovelos).

Com o passar do tempo a pele irá ficar mais fina e produzir altos níveis de secreções sebáceas e sudoríferas, tornando a pele muito odorífera. A maioria dos animais afetados desenvolve infeções bacterianas e fúngicas secundárias.

Outros sinais clínicos que também poderão estar associados são crises de espirros, conjuntivite, rinite, otite externa e alteração da cor da pelagem.

Porque várias doenças de pele provocam prurido, o médico veterinário realiza os testes de diagnóstico e ensaios terapêuticos necessários para excluir outras doenças, de forma a obter um diagnóstico definitivo de DA. Uma vez confirmada a doença, o veterinário ainda pode realizar testes de alergias para tentar descobrir uma causa exata.

Existem dois tipos básicos de testes de alergias: o exame de sangue, que pode confirmar a presença de anticorpos contra os alérgenos responsáveis pela DA no sangue do cão; e os testes intradérmicos, em que são injetados na pele pequenas quantidades de diversos alérgenos, e através da medição da reação local a cada um deles, é possível determinar quais são os responsáveis.



Outros sinais clínicos que poderão estar associados são crises de espirros, rinite, otite externa e alteração da cor da pelagem.



A DA é uma doença crónica, muitas vezes complicada por infeções concorrentes. Infelizmente não existe cura definitiva, sendo o objetivo do tratamento tentar manter a sintomatologia controlada com o mínimo prejuízo para o estado de saúde geral do animal.

A DA felina é uma área da dermatologia veterinária que permanece relativamente menos elucidada do que a canina. Embora faltem estudos sobre a sua incidência e prevalência, é reconhecida como uma condição frequente e alguns investigadores declaram que é a causa mais comum de alergia em gatos (73 por cento de todos os gatos alérgicos).

Não parece existir uma predisposição racial na DA felina, embora existam estudos a sugerir os Abissínios como uma raça predisposta. Na maioria dos gatos os sinais clínicos desenvolvem-se numa idade jovem, entre os 6 meses e os três anos.

Os principais alérgenos ambientais envolvidos na DA incluem os pólenes, pó ou poeira doméstica. Os mais comuns são os alérgenos não sazonais, entre estes as reações ao ácaro de poeira doméstica (principalmente *Dermatophagoides farinae*) são as mais prevalentes em gatos atópicos.

Tal como na DC canina, na felina o prurido também é o sinal clínico mais importante.

Os gatos com DA apresentam um ou mais padrões lesionais cutâneos, como: dermatite miliar, dermatite de cabeça e pescoço, alopecia auto-induzida ou dermatoses eosinofílicas (úlceras indolentes, placa eosinofílica, granuloma eosinofílico).

Considerando que existe uma grande variedade de doenças com sinais clínicos semelhantes, é por vezes difícil realizar um diagnóstico correto de DA nos gatos.

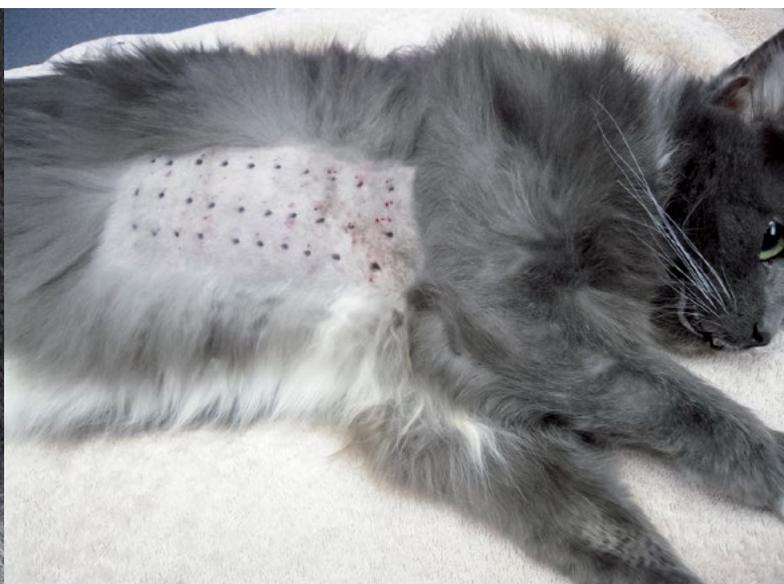
É essencial a realização de um exame físico completo e obter a história clínica detalhada do felino antes de proceder a testes diagnósticos ou ensaios terapêuticos, de forma a excluir diagnósticos diferenciais e confirmar a DA felina.

Os testes alergológicos estão reservados para os animais em que se suspeite fortemente de alergia ambiental.

É essencial a realização de um exame físico completo e obter a história clínica detalhada do felino.

O objetivo é identificar os alérgenos agressores para a sua inclusão em imunoterapia específica.

Os testes intradérmicos são considerados o método "padrão-ouro" para demonstrar hipersensibilidade alérgeno-específica no cão, contudo, este teste é, muitas vezes, frustrante e de difícil interpretação no gato.



Por se tratar de uma doença incurável, com manifestações e complicações variáveis, é muito importante que o médico veterinário explique aos donos todas as formas possíveis de tratamento, detalhando índices de sucesso, efeitos colaterais e custos.

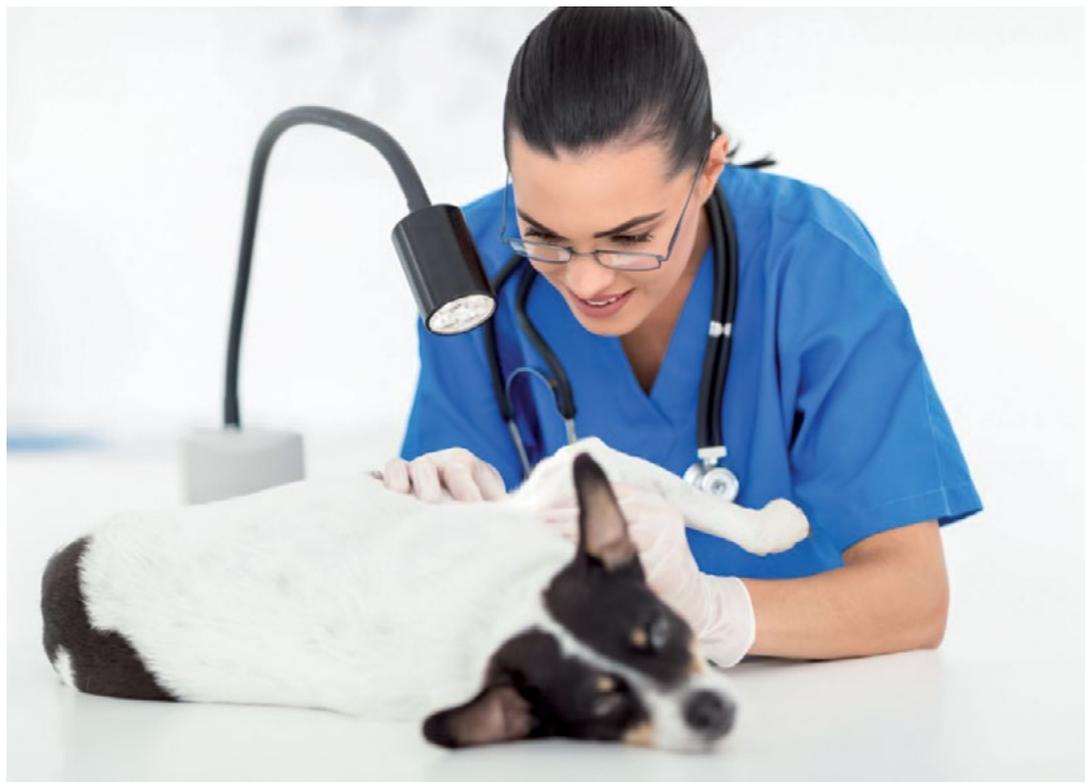
O tratamento e as novas soluções para a DA

A DA é uma doença crónica muitas vezes complicada por infeções concorrentes, e o seu maneio envolve várias abordagens terapêuticas.

Teoricamente, evitar o contacto com os alérgenos seria a melhor solução, mas na maioria dos casos isto não é possível. De qualquer forma, quanto mais alérgenos se consigam controlar maior a probabilidade de controlar a atopia, e menor a exacerbação da intensidade e frequência dos sintomas.

Os corticosteroides, também conhecidos como glicocorticoides, são extremamente eficazes no alívio do prurido e da inflamação, contudo, o seu uso a longo prazo tem muitos efeitos secundários no animal (aumento de sede, quantidade de urina emitida, peso e, entre outros, predisposição para o desenvolvimento de doenças endócrinas graves como a Síndrome de Cushing e a diabetes).

Champôs, loções e soluções tópicas antipruriginosas oferecem alívio rápido.



A DA é uma doença crónica cujo maneio envolve várias abordagens terapêuticas.

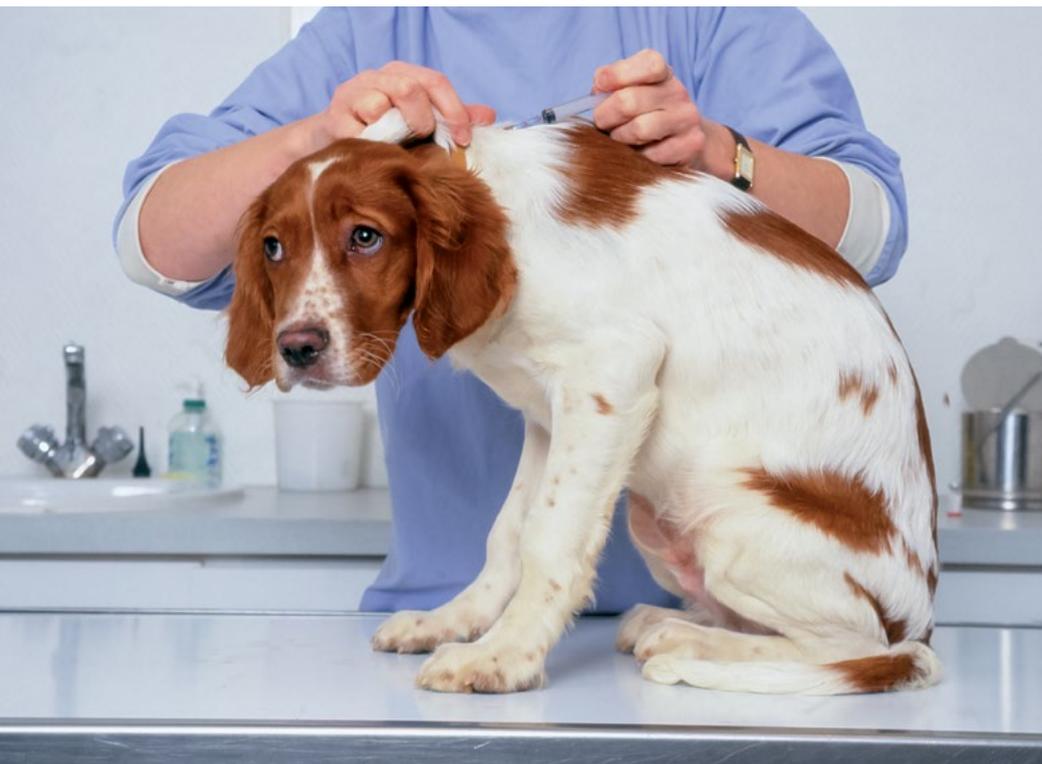
A ciclosporina é uma nova terapia oral especificamente desenvolvida para o tratamento da DA. Está provada a sua eficácia no alívio dos sintomas, não tendo os efeitos secundários da terapia a longo prazo do uso dos corticosteroides. Na espécie felina é mesmo o fármaco mais promissor.

Os anti-histamínicos também podem ajudar a controlar o prurido, especialmente em conjunto com outros tratamentos, contudo, como os animais respondem de formas diferentes aos diversos anti-histamínicos, vários tipos terão de ser experimentados até se encontrar o mais eficaz.

No caso dos felinos os anti-histamínicos têm-se revelado eficazes apenas quando associados a **ácidos gordos essenciais** – quando usados isoladamente, os resultados não são satisfatórios. Estes ácidos gordos são agentes com algumas propriedades anti-inflamatórias. Usados como suplementos nutritivos, são úteis como auxiliares do tratamento.

Os tratamentos locais na DA consistem em champôs, loções e soluções tópicas antipruriginosas e antisséticas, que oferecem alívio rápido dos sintomas (embora de pouca duração).

O futuro do tratamento da doença, porém, passa pela imunoterapia, de forma a dessensibilizar o animal face aos alérgenos aos quais reage. Para o efeito são administradas uma série de injeções durante um período de tempo. Quando efetiva, esta terapia é uma opção válida, contudo, nem todos os animais respondem positivamente.



”
O iokivetmab é injetado mensalmente e apresenta várias vantagens pois não é tóxico ao organismo do animal.
 ”

Numa tentativa de compreender melhor a DA e de arranjar novas soluções de tratamento, são realizados novos estudos continuamente. Nos últimos anos tem sido estudada a utilização de novos fármacos, mais específicos para o controlo da doença e com menos efeitos secundários. O destaque aqui vai para as substâncias oclacitinib e lokivetmab.

O **oclacitinib** pode ser considerado como tratamento de primeira linha para o prurido associado a DA em cães, independentemente da causa subjacente.

Já o **lokivetmab** vem alterar o paradigma do tratamento da DA canina, e marca a entrada numa nova era terapêutica, em que se deixam de lado os medicamentos convencionais e se passa a falar de medicamentos biológicos, isto é, que mimetizam uma ação natural e intrínseca ao organismo.

O maleato de oclacitinib é um imunomodulador (um medicamento que altera a atividade do sistema imunitário) que atua bloqueando a ação das enzimas Janus Quinase (JAS). Estas enzimas desempenham um papel importante nos processos inflamatórios e pruríticos, incluindo os envolvidos na dermatite alérgica e DA em cães.

Este já é utilizado com sucesso em cães, e poderia ser uma alternativa ao uso da ciclosporina com menos efeitos colaterais em gatos, porém, nesta espécie faltam estudos que indiquem a sua real eficácia, razão pela qual ainda não é utilizado.

O lokivetmab é um anticorpo monoclonal que foi concebido para reconhecer e ligar-se à interleucina-31, uma proteína que desempenha um papel fundamental no desencadear da DA em cães. Ao bloquear a interleucina-31, o lokivetmab reduz a pele pruriginosa e a inflamação.

O fármaco é injetado mensalmente e apresenta várias vantagens pois não é tóxico ao organismo do animal, uma vez que se utilizam anticorpos praticamente iguais aos produzidos por este.

Além de todas as possibilidades apresentadas, o manejo da DA requer, por vezes, o uso de outros produtos como antibióticos e antifúngicos para tratar infeções concorrentes.

É igualmente essencial fazer um tratamento vigoroso contra as pulgas e outros parasitas externos a fim de prevenir as alergias e outros danos, pois em animais atópicos tudo o que agrida a pele contribui para agravar a condição.

Acima de tudo, é fundamental que o dono de um animal alérgico mantenha

uma relação de proximidade e confiança com o seu médico veterinário, já que as recidivas são frequentes e os tratamentos podem variar ao longo da vida do animal.

Não há uma receita única/universal que resulte bem com todos os animais atópicos, cada caso é um caso. Já o objetivo final é comum... restaurar a saúde e bem-estar do seu amigo de quatro patas.

Saber Mais:

<https://www.chv.pt/pt/unidades/dermatologia/dermatite-atopica/detalhe.html>

https://www.ema.europa.eu/en/documents/overview/cytopoint-epar-summary-public_pt.pdf

<https://www.zoetisus.com/products/dogs/apoquel/index.aspx>



É fundamental que o dono de um animal alérgico mantenha uma relação de proximidade e confiança com o seu veterinário.



Basta meia hora de exercício ligeiro para reduzir peso de cavalos obesos

Um estudo realizado por uma equipa de investigadores da Faculdade de Ciências Veterinárias da Universidade de Melbourne, na Austrália, permitiu concluir que apenas 25 minutos de exercício ligeiro combinado com uma dieta pode ser a solução para a obesidade em equinos.

O estudo contou com uma amostra de 24 cavalos e pôneis obesos que foram aleatoriamente divididos em dois grupos. Um dos grupos foi submetido a uma dieta à base de uma pequena quantidade de palha, alfafa e farinha de soja acompanhada de um suplemento de vitaminas e minerais; e o outro grupo seguiu a mesma dieta e realizou um programa de exercícios baseado em trote energético de 15 minutos de duração e uma caminhada de cinco minutos antes e depois do trote – uma prática repetida cinco dias por semana durante três meses.

Os resultados, recentemente publicados na



revista científica *Journal of Veterinary Internal Medicine*, revelaram que os cavalos do primeiro grupo reduziram ligeiramente o seu peso e aumentaram os níveis de adiponectina – uma hormona produzida pelas células gordas e que pressupõe um fator de risco para a Laminite. Por outro lado, os cavalos do segundo grupo apresentaram níveis baixos de leptina, uma hormona associada à obesidade.

Segundo os investigadores, para tratar a doença, será necessário não só reduzir a ingestão de calorias na dieta dos cavalos com excesso de peso ou obesos mas também integrar sessões de exercício de forma regular.

Saber Mais:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jvim.15374>

<https://www.vetsurgeon.org/news/b/veterinary-news/archive/2019/03/20/study-shows-that-for-horses-a-little-exercise-goes-a-long-way.aspx>

<https://www.horsetalk.co.nz/2019/03/21/quick-ride-wonders-horse/>

Personalidade dos cães muda ao longo da vida e é influenciada pelos donos



Afinal, a forma como os donos tratam os seus cães molda-lhes a personalidade, que pode mudar ao longo do ciclo de vida do animal.

Estas foram as conclusões apuradas após um estudo realizado por cientistas da Universidade Estadual do Michigan, nos EUA, e publicadas na revista científica *Journal of Research in Personality*.

Segundo William Chopik, coordenador do estudo, quando os humanos atravessam grandes mudanças na sua vida, os seus traços de personalidade podem mudar, o que é interessante é que o estudo permitiu descobrir que isto também acontece com os cães.

Os cientistas conseguiram demonstrar ainda que a personalidade dos cães pode influenciar o quão próximos se sentem dos seus donos, se mordem ou não, e ainda as doenças crónicas que desenvolvem.

Para a elaboração do estudo os cientistas analisaram o comportamento de 1681 cães de 50 raças diferentes e de idades compreendidas entre 0 e 15 anos, o que torna esta investigação na mais extensa sobre a personalidade dos canídeos realizada até ao momento.

Em entrevistas aos donos destes animais os cientistas descobriram uma correlação em três áreas distintas: idade e personalidade, semelhanças entre a personalidade dos cães e dos seus donos, e influência da personalidade dos cães na qualidade da sua relação com o seu dono.

Não é de admirar que, muitas vezes, adivinhemos facilmente a quem pertence um determinado animal pois

a sua personalidade é um reflexo de quem o acompanha durante a sua vida, e que também vai mudando com o passar do tempo.

Saber Mais:

<https://eu.freep.com/story/news/local/michigan/2019/02/26/dog-personality-traits-owners/2989190002/>

<https://research.msu.edu/dog-personalities-change-overtime/>

Há 1700 espécies animais em risco de extinção até 2070

Cerca de 1700 espécies animais correm risco acrescido de desaparecer até 2070, devido à ocupação humana dos seus habitats. A conclusão é de um estudo realizado por investigadores da Universidade de Yale, nos EUA, recentemente publicado na revista científica Nature Climate Change.

No estudo foram examinados diferentes cenários com base no crescimento populacional e nas mudanças socioeconómicas de forma a estimar os impactos futuros em mais de 19 mil espécies de animais silvestres de todo o mundo. Os investigadores descobriram que várias espécies teriam o seu habitat natural alterado de tal forma, que estariam em maior risco de extinção.

Da lista de espécies animais em risco de extinção constam 886 espécies de anfíbios, 436 espécies de aves e 376 espécies de mamíferos, e nela se incluem o Oreophryne monticola (anfíbio da Indonésia), o cobo-do-nilo (anfílope do Sudão do Sul), o trepador-sobrançelha (ave do Brasil) e o João-da-palha (ave do Brasil, Argentina e Uruguai).

O estudo permitiu concluir que as espécies que vivem na África Central e de Leste, na América Central e do Sul e no Sudeste Asiático serão as que sofrerão as maiores perdas do seu habitat, o que significa que são também aquelas em maior risco de desaparecimento. Os resultados sugerem que estes animais vão perder cerca de 30 a 50 por cento da sua área de ocupação atual até 2070.

Os investigadores esperam que estes números impulsionem os decisores a prevenirem este cenário, levando a cabo medidas que permitam mitigar os efeitos.

O estudo pretende, acima de tudo, apoiar ações de conservação e políticas que abordem as alterações climáticas e o impacto da utilização dos recursos terrestres na biodiversidade.

E advertem: a perda da biodiversidade local não é problema apenas dos países cujas fronteiras englobam a área de ocorrência destes animais. É de todos.



Saber Mais:

<https://www.nature.com/articles/s41558-019-0406-z>

<https://www.publico.pt/2019/03/04/ciencia/noticia/ate-2070-cerca-1700-especies-animais-correm-risco-extincao-culpa-1864215>

<https://www.jn.pt/mundo/interior/homem-coloca-1700-especies-de-animais-em-risco-de-extincao-ate-2070-10643801.html>



Investigadores estudam vegetação mediterrânica preferida por cabras

Um grupo de investigadores da Estação Zootécnica Nacional (EZN) – polo de Santarém do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) –, está a desenvolver um projeto de investigação com o objetivo de estudar a vegetação mediterrânica preferida das cabras, assim como os seus efeitos na redução de parasitas e o contributo do pastoreio na limpeza da floresta.

Segundo Ana Teresa Belo – a investigadora responsável pela coordenação do estudo –, o objetivo da investigação é conhecer melhor a dieta selecionada por cabras em

pastoreio, analisando o seu valor nutritivo e as suas propriedades anti-helmínticas, o que ajudaria os produtores a melhorar a produção e promover a biodiversidade e o controlo da vegetação combustível.

É sabido que os caprinos são muito atreitos a parasitismo gastrointestinal, por isso, o estudo ainda pretende ajudar a reduzir os gastos com antiparasitários sintéticos (que são caros), além da parte ecológica e de poderem entrar na cadeia alimentar.

Na investigação, que já dura há um ano, os investigadores registam que plantas e que parte da planta, cada animal do rebanho seguido come em pastoreio no pinhal existente na Fonte Boa, durante quanto tempo, assim como os tempos de paragem e de ruminção, informação que depois é tratada estatisticamente para determinar a composição da dieta.

A decorrer até ao final de 2019, o projeto, denominado “Vegetação mediterrânica: anti-helmínticos naturais na dieta selecionada por cabras em pastoreio”, ainda analisa

em laboratório as fezes dos animais, além de amostras de leite para verificar que alterações acontecem com a mudança do pasto, onde estão atualmente, para a floresta, onde serão colocadas em breve.

Saber Mais:

<https://www.confagri.pt/investigadores-estudam-vegetacao-mediterranica-preferida-cabras-pastoreio/>

<http://www.mediotejo.net/santarem-investigadores-estudam-vegetacao-mediterranica-preferida-por-cabras-em-pastoreio/>

Detetada superbactéria resistente aos antibióticos em cão no Reino Unido

Uma equipa de investigadores do Instituto de Ciências Veterinárias da Universidade de Liverpool descobriu, pela primeira vez, uma superbactéria resistente aos antibióticos de último recurso num cão no Reino Unido.

A descoberta, recentemente publicada na revista científica *Journal of Antimicrobial Chemotherapy*, foi feita num cão da raça Springer Spaniel depois de ter sido isolada a bactéria *Escherichia coli* (*E. Coli*) numa ferida.

Segundo os investigadores, a bactéria isolada albergava um gene resistente a antibióticos da classe Carbapenem, habitualmente utilizados para tratar infeções fatais como último recurso, assim como genes resistentes a outros antibióticos mais comuns.

A coordenadora da investigação, a Dra. Dorina Timofte, referiu que a nível global existem até à data muito poucos relatos de bactérias resistentes a antibióticos da classe Carbapenem em animais de companhia e apesar da prevalência identificada neste estudo ter

sido baixa, não deixa de ser surpreendente.

Os antibióticos da classe Carbapenem não estão autorizados para utilização em animais de companhia na União Europeia ou no Reino Unido, mas esta descoberta é preocupante devido ao contacto próximo entre animais e pessoas que pode permitir que as bactérias sejam transferidas entre espécies.

Por essa razão, a investigadora salienta o importante papel dos laboratórios de diagnóstico veterinário na vigilância da resistência antimicrobiana.

A bactéria isolada albergava um gene resistente a antibióticos da classe Carbapenem, habitualmente utilizados para tratar infeções fatais como último recurso (...).



Saber Mais:

<https://academic.oup.com/jac/advance-article-abstract/doi/10.1093/jac/dkz017/5307957?redirectedFrom=fulltext>

<https://news.liverpool.ac.uk/2019/03/20/drug-resistant-superbug-gene-discovered-in-uk-dog-for-first-time/>

<http://www.diarioveterinario.com/texto-diario/mostrar/1365315/encuentran-superbacteria-resistente-antibioticos-perro>



Compatível com as últimas versões iOS e Android

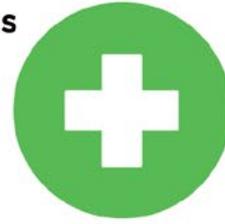
ÍNDICE[®] PRO

  **Android e iOS**

Faça Download Gratuito nas App Stores



Farmácias



Medicamentos



Interações



www.indice.pt

Artigos



Notícias



Suplementos



Magazines



... e Muito mais

